

PARA
SAIR
DO
PÓS-
MODERNO

questões de
poética, de
ética e de
linguagem

Conselho Editorial

Alastair Pennycook
Allen Quesada
Ana Nery Damasceno Noronha
Ana Sousa
Antonietta Heyden Megale
Aparecida de Jesus Ferreira
Beatriz Gama Rodrigues
Carmen Jená Machado Caetano
Cátia Regina Braga Martins
Daniel Silva
Dllobia Santclair
Elaine Fernandes Mateus
Elkerlane Martins de Araújo
Fernanda Coelho Liberali
Joaquim Dolz
Kleber Aparecido da Silva
Lauro Sérgio Machado Pereira
Li Wei
Lynn Mário Menezes de Sousa
Gabriela A. Veronelli
Gisvaldo Araújo Silva
Manuela Guilherme
Reinildes Dias
Ofélia Garcia
Oseas Bezerra Viana Jr.
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Paulo Massaro
Renato Cabral Rezende
Rodriana Costa
Rosana Helena Nunes
Rosane Pessoa
Ryuko Kubota
Sávio Siqueira
Sweder Sousa
Tatiana Dias
Veruska Machado
Wilson Leffa
Viviane Resende

Henri Meschonnic

PARA
SAIR
DO
PÓS-
MODERNO

questões de
poética, de
ética e de
linguagem

Tradução, introdução e notas

Maria Sílvia Cintra Martins

MERCADO[®]
LETRAS

Título original: *POUR SORTIR DU POSTMODERNE*
copyright © Klincksieck, 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meschonnic, Henri, 1932-2009

Para sair do pós-moderno : questões de poética, de ética e de linguagem / Henri Meschonnic ; introdução, tradução e notas Maria Sílvia Cintra Martins. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

Título original: Pour sortir du postmoderne.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-735-0

1. Ensaios 2. Linguística 3. Linguagem – Filosofia 4. Pós-modernidade I. Título.

23-164578

CDD-401

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem : Filosofia 401

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final da tradutora

bibliotecária: Tábata Alves da Silva – RB-8/9253

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

sumário

Introdução.....	7
1. o ponto de partida.....	25
2. a modernidade depois do pós-moderno	29
3. a modernidade só será modernidade se for a modernidade da modernidade	35
4. algumas figuras do academicismo	53
5. modernizar, modernizar, o plural esconde um singular como o singular esconde um plural	71
6. as modernidades	87
7. a aventura é o romance do pensamento.....	103
8. e a razão fica sem entender nada.....	109
9. como gozar do desconhecido	119
10. o estrangeiro no tempo	129
11. do passado em embalagens de presente	135
12. maio maio	149
13. o ano 2000, essa velharia	163
14. o sujeito é a modernidade	169
15. a poética da modernidade como crítica da estética	189
16. Jean-François Lyotard do alto de sua nuvem	209
17. enfim, sair do pós-moderno.....	211
Referências Bibliográficas originais	221
Referências Bibliográficas complementares para esta publicação	227

Introdução

Henri Meschonnic foi linguista, poeta e tradutor francês, nascido em Paris, em 1932, e falecido já há mais de dez anos, em abril de 2009. Filho de judeus russos, foi escondido pelos pais no decorrer da Segunda Grande Guerra. Passou seis meses na Argélia, no ano de 1960, no decorrer da Guerra da Argélia, quando aprendeu o hebraico, que veio a fazer parte de suas iniciativas da tradução e retradução da Bíblia para a língua francesa, assim como forneceu subsídios para sua teorização em torno do ritmo. Foi professor na Universidade de Lille, e participou, ao lado de intelectuais como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jean-François Lyotard da criação do Centro Universitário Experimental de Vincennes. Lecionou Linguística e Literatura na Universidade Paris VIII. Entre compêndios teóricos, poemas, traduções e dicionário, possui mais de sessenta obras publicadas.

Meu empenho em traduzir *Pour sortir du postmoderne*, sua última obra publicada em vida, vem, fundamentalmente, de meu interesse particular em sua proposta teórica, e do entendimento de que a tradução seja uma forma de mergulho profundo na linguagem e no pensamento de um autor. Um entendimento que eu tinha de antemão, e que sem dúvida se aprofundou no decorrer dos cerca de cinco meses de dedicação a essa empreitada.

Conforme cada vez mais pude vivenciar, tratava-se de traduzir a obra ensaística de um profundo pensador da linguagem e da tradução, para quem, na teoria, linguagem, corpo e pensamento estão intimamente interligados, algo que pude revisitá-lo na prática da tradução de sua obra, e da gestualidade que esta comporta.

Traduzir a obra ensaística de um profundo crítico da tradução, esse era o desafio a que me propus, sem nenhum compromisso contratual prévio, tanto melhor. Um dos alertas

de Meschonnic, que reencontramos em diversas obras suas, é aquele – referindo-se, no caso, à tradução de obras literárias – de que a maioria das traduções são apagantes, porque apagam a gestualidade de que se faz o poético, apagam o ritmo, apagam o recitativo de que o texto literário se compõe e, com isso, sem se dar conta, apagam profunda e definitivamente o sentido da obra literária, no que essa possui de potencial de transformação e de renovação da linguagem.

Meu impulso inicial, há mais de um ano, havia sido o de traduzir sua obra poética “Et la terre coule”, datada de 2006. Enviei algumas traduções iniciais para Régine Braig, viúva de Meschonnic, e diante de sua ressalva de que minha proposta era mais criativa que tradutória, deixei de lado a iniciativa, por enquanto. Simultaneamente, vinha ministrando disciplinas na pós-graduação com o foco primordial na epistemologia meschonniciana, e apresentei, também, trabalho em simpósio em Hildesheim, que marcou, em 2019, congregando especialistas, os dez anos da morte do autor.

Havia, no entanto, algumas questões teóricas mal resolvidas em mim mesma, que se faziam perceber em meu diálogo com pós-graduandos e orientandos, gerando-me insatisfação, quando sentia que ainda não me dava conta, suficientemente, do que seriam certas questões-chave na obra de Meschonnic, particularmente aquelas que giram em torno do sujeito do poema, da modernidade e da historicidade.

O título da obra, *Pour sortir du posmoderne*, remete a uma amplitude maior, mas folheando-a rapidamente, logo que a adquiri, percebi que havia nela retomadas de questões presentes em obras anteriores, e foi de fato dentro dessa certeza, de que na última obra desse grande pensador eu poderia reencontrar, talvez de forma mais acabada, algumas questões que para mim ainda estavam mal resolvidas, que me decidi a iniciar o trabalho – mas já sabendo que chegaria até o fim.

É fato, ainda, que diante da vasta obra de Meschonnic – mais de quarenta títulos só na parte ensaística – só contamos, no Brasil, com as traduções: “Poética do Traduzir”, pela Perspectiva,

em 2009 (de “Poétique du Traduire”, de 1999); “Modernidade, modernidade”, pela EDUSP, em 2017 (de “Modernité, modernité”, de 1988), além da publicação em formato digital “Linguagem, ritmo e vida”, iniciativa de pesquisadores do Grupo FALE, da UFMG, de 2006, que dá conta de parte de “La rime et la vie” (1990). Vale lembrar que o mesmo grupo, em 2009, lançou, também em formato digital, “Poética do Traduzir, não tradutologia”, com a tradução em três línguas (inglês, espanhol e português) do capítulo inicial de “Poétique du Traduire”. Já a Revista Scientia Translationis, da Universidade Federal de Santa Catarina, publicou em seu número 7, no ano de 2010, o artigo “Traduzir: Escrever ou Desescrever”, em tradução do artigo de Meschonnic, de 2007, “Traduire: Écrire ou Désécrire”.

Nessa medida, meu empenho nesta tradução deuse, também, por estar a par da dificuldade no acesso à obra de Meschonnic por parte de pesquisadores brasileiros que não o leem em língua francesa, assim como por meu desejo de contribuir para a divulgação mais ampla entre nós de seu pensamento, num momento, segundo ele próprio assevera aqui – referindo-se a uma realidade europeia que certamente ainda não se resolveu de forma mais lúcida passados estes mais de dez anos – de grande confusão e vacuidade teórica.

Encontrei-me, assim, diante de vários desafios, mas também de muitas gratificações – começemos por elas. Uma delas é, certamente, aquela de encontrar do lado de lá do oceano e da linha do Equador, lá onde muitas vezes para nós, intelectuais ou não, tudo pode parecer tão mais bem resolvido, a asseveração de um descontentamento com os modismos, com os clichês, com o papel da mídia e das celebrações para a elevação de certos valores e o ostracismo de outros. Mas por que isso me gratificaria? Para não me sentir sozinha, nem sentir que as coisas que se dão por aqui dão-se por algum estigma nosso. Também pela contribuição que nos fornece, para pormos melhor nossas ideias no lugar, uma vez que muito frequentemente nos centramos em teorias importadas, desconhecendo as críticas que já lá, em sua origem, se tecem a seu respeito. O trabalho é de solitários (Meschonnic 1989[2006a]) – sigamos, então.

Outra gratificação, ainda maior, certamente, foi aquela de confirmar o encontro do tesouro que buscava: sim, aqui nesta obra – assim como em “Langage, histoire une même théorie”, publicada postumamente – encontramos, de forma madura e condensada, o cerne do pensamento de Henri Meschonnic, no que tange, particularmente, a sua proposta de uma Teoria crítica da Linguagem, em que a Poética, a Ética e o Político são considerados em termos de interação e de implicação recíproca.

Quanto aos desafios, sem dúvida tiveram a ver com buscar ser fiel a esse teórico da tradução à medida que traduzia sua obra. Mais do que nunca, não poderia haver contradição entre o que se pensa e o que se faz.

É claro que eu já tinha passado, anteriormente, por várias de suas obras: seja de ponta a ponta, como em “Critique du rythme”, “La rime et la vie”, “Éthique et politique du traduire” “Les Noms” ou “Dans le bois de la langue” – assim como nas obras traduzidas entre nós, “Poética do Traduzir”, “Linguagem, ritmo e vida” e “Modernidade, modernidade”; seja em trechos, como em “Spinoza: poème de la pensée”, “Um coup de Bible dans la philosophie”; seja, ainda, por várias de suas obras poéticas. De tal forma que uma entrada suficiente em seu pensamento e em sua forma de escrever eu já possuía, o que se mostrou de importância fundamental para dar conta de algumas passagens mais intrincadas ou de difícil compreensão.

Estamos diante de um pensador que se pronuncia, continuamente, na defesa do pensamento do contínuo, e na crítica das descontinuidades, na crítica do signo. Lembro-me de ler a defesa de Meschonnic da forma de escrita de Espinosa, em que, segundo ele, o gestual da linguagem confirmava o que se defendia nas palavras, algo que, no entanto, via-se apagado nas traduções. Começo, então a traduzir Meschonnic dentro desse mesmo pressentimento, de que me caberia sentir/ escutar a forma de escrever desse autor, o ritmo, a gestualidade ali presentes, e não fazer com sua obra exatamente aquilo que ele via criticamente na tradução das obras de outros, em que se quebrava o contínuo da linguagem.

Espero que o leitor deste volume possa sentir a presença do corpo na linguagem, possa sentir aquilo que costumamos chamar (muitas vezes pejorativamente) de “marcas de oralidade” – e que para Meschonnic tem a ver com o poético e com o recitativo.

Há um trecho em particular, no capítulo 15, que convoco para remeter à própria escrita que presenciamos aqui, ao ritmo, ao sujeito do poema, de modo a alertar para a profundidade do fenômeno que presenciamos em “Para sair do pós-moderno”: “O ritmo, a teoria do ritmo exercendo aqui o papel de alavanca teórica: como crítica do signo. É por onde a poética das obras de linguagem se torna uma poética da modernidade: o funcionamento das obras não é outro senão o funcionamento de sua modernidade. Que é um acesso à modernidade como funcionamento”. Ou seja, o trabalho de Meschonnic com a linguagem neste volume (mesmo sendo, em princípio, de teor ensaístico, e não poético) transcende o conteúdo propriamente dito, fazendo-se na interação que ele mesmo propõe entre Ética, Poética, Político e Teoria da Linguagem. E por isso mesmo, ao tematizar a modernidade, dá-se no espaço, no ritmo e na poética da modernidade da modernidade. Em sua ética e em sua política. Propondo e simultaneamente mostrando uma Teoria da Linguagem.

Como tradutora, de minha parte, entendi, assim, que o desafio não residia em buscar, de alguma forma, dar conta, abstratamente, das concepções teóricas aqui presentes, passando-as para a língua portuguesa dentro de sequências frásticas relativamente aleatórias; mas em dar conta das possibilidades rítmicas de nossa língua, na escuta do texto em língua francesa, sendo que às vezes precisei mudar algum vocábulo pois a tradução mais literal, em nossa língua, faria aquela sequência frasal soar estranha, ou excessivamente formal. Mas quando? Quando podemos mudar sem entrar excessivamente no texto alheio – e pior, sem caricaturá-lo ou mesmo deturpar suas ideias – particularmente quando estamos, como aqui, diante de um texto teórico, que, sem querer soar acadêmico, dirige-se a intelectuais? Quando nos cabe ficar

o mais próximo possível dos cognatos? De modo geral, busquei fazer isso, provocando, às vezes, e muito excepcionalmente, algumas alterações na construção frasal que nos soaria artificial.

O interessante, que pude ir percebendo à medida que o trabalho avançava, foi uma tendência inicial minha – quase que um vício – na utilização de sinonímia quando a palavra cognata dava bem conta do recado, seja diante de “croire” tender a traduzir por “acreditar”, quando podemos nos dar bem com “crer”, embora de utilização um pouco mais esporádica entre nós.

Meschonnic gosta de períodos longos e de digressões. Usa muitas vírgulas, onde apenas duas vezes substituí por travessões, naquele ensejo didático de colaborar com o leitor quando senti que o período ficaria por demais confuso. Jamais substituí vírgulas por pontos, no entanto, nem me servi de ponto-e-vírgula, com o que estaria, mesmo, mexendo demais na questão do “silêncio” a que o autor muitas vezes alude, como parte necessária na formação do ritmo e da gestualidade.

A gestualidade, o ritmo comunica, é portador de significação. Ele não só tensiona e une ou separa as palavras; ele é responsável pela criação efetiva de um sentido, que também não implica, apenas, um algo mais, que se acrescentaria, ou seja, não é suprassegmental. Como bem diz Meschonnic em um dos pontos dessas longas divagações, não são só os verbos que possuem aspecto, os substantivos também e, de fato, a linguagem em geral, que passa a significar dentro de um modo aspectual, que é total ou grandemente diferente de seu modo dicionarizado e descontínuo.

Meschonnic fala disso no decorrer destas páginas, à medida que discorre sobre o que é e o que não é a modernidade. Mas ele não só fala disso por meio das palavras e de seus eventuais significados; ele se faz presente como corporalidade e gestualidade, como recitativo na linguagem: como sujeito do poema, enfim.

Chega de contar histórias e mais histórias, fragmentos, estilhaços de histórias, num discurso citacional sem fim. Temos

que pôr a boca no trombone – assim falamos aqui, entre nós, quando queremos dizer que precisa ser dada ênfase à linguagem, que essa linguagem da “*langue de bois*”, que é a linguagem bem-comportada, estereotipada, muitas vezes presente na academia, com ares de certinha e de dona da ciência, essa linguagem estereotipada, cheia de retalhos de falas alheias, de citações fiduciárias, essa linguagem que tem o aval da imprensa, de que a imprensa se serve e que se serve dela, essa linguagem – alguns de nós sabemos – já se exauriu.

Meschonnic nos fala particularmente disso: mais da forma de dizer do que do dito, na certeza de que ela faz parte da arquitetura do dizer, de sua criação, de sua renovação, de sua transformação. Em outras obras, como em “Linguagem, ritmo e vida” [“*La rime et la vie*”], ele se detém a refletir sobre o que seja a oralidade, e em que sentido, em sua teorização, o oral é uma das modalidades da linguagem, ao lado do modo do falado e do modo do escrito, e atravessando-os. Para Meschonnic, existe essa tripartição – embora não taxonômica ou descontínua, ao contrário – da linguagem. Entre linguistas – como também entre estudiosos de literatura e entre antropólogos – esse é um marco, um desafio fundamental a superar, para que deixemos de falar de “povos da oralidade”, ou de “marcas da oralidade”, ou de “presença da oralidade na escrita”, sempre na alusão mistificada a um oral de que, afinal, não damos bem conta, na confusão que fazemos entre a forma de manifestação da linguagem (oralmente ou por escrito) e a presença do corpo na linguagem, ou, em outras palavras, a subjetivação da linguagem.

Nesta obra, esse é um dos tópicos que não se faz presente enquanto tema para análise – mas se faz totalmente presente enquanto forma de escrita, enquanto manifestação de linguagem. Estamos diante de uma forma de escrita que se nos apresenta, por um lado, como absolutamente acadêmica, na medida da sua precisão e da maneira com que traz teorias e conceitos para escrutínio. No entanto, seja pela escolha dos períodos longos e digressivos, seja pela menção frequente a questões sobremaneira locais, seja pela exploração de ditados populares e de trocadilhos, seja pela própria simplificação

vocabular – embora casada com termos de especificidade científica – mergulhamos num texto atravessado pela oralidade: enquanto linguagem própria do recitativo e da presença do corpo na linguagem.

Nem tudo – tanto aqui, como em outras obras do autor – fica dito com todas as letras ou de forma absolutamente explicativa, embora tenha sido aqui que encontrei, pela primeira vez e de forma mais clara, algumas questões que em outros momentos me haviam ficado vagas. Lendo “Poética do Traduzir” ou “Linguagem, ritmo e vida”, sempre me dava a impressão de que o autor não apresentava, a propósito, certas definições, exatamente de forma a evitar nossa tendência acadêmica descontínua e classificatória de estar sempre definindo, dividindo, analisando. Quando para ele, assim me parecia, o mais importante mesmo era a ênfase no contínuo. Meus alunos – nem todos – reclamavam; outros se encantavam.

Entendo, assim, ser fundamental, para quem se interessar progressivamente no aprofundamento na teorização de Henri Meschonnic, ter como parâmetros para o entendimento de seu pensamento: estamos diante de uma proposta de pensamento do contínuo processual e dinâmico; para o autor é fundamental a pressuposição da interação, dentro da implicação constante e recíproca, da Teoria da Linguagem, da Ética, da Poética e do Político; sua principal crítica a diversos teóricos e filósofos reside em sua convicção de que negligenciam o papel da linguagem em suas reflexões, e da poética em particular.

Inseri uma série de notas de fim, algumas com o teor de anotações de leitura, no sentido de serem notas de reflexão e de tentativa de aproximação com outras obras do autor, ou para anunciar algo elucidativo que apareceria mais adiante. Outras de teor mais enciclopédico, no sentido de fornecer algumas informações sobre autores, obras ou eventos a que o autor alude – nesse caso, não forneço referências, já que minha intenção foi apenas de contribuir para a entrada em certos temas e a abertura do caminho para eventual pesquisa posterior do leitor. Fiz, ainda, algumas observações sobre opções tradutórias.

No empenho no acréscimo das mais de cento e vinte notas de fim na tradução do texto completo, minha principal motivação foi o ensejo em contribuir para que não acabe por recair sobre Meschonnic exatamente o que ele reconhece em autores como o filósofo e linguista prussiano Wilhelm von Humboldt, ou como o poeta francês Stéphane Mallarmé, sempre relegados ao passado, mal compreendidos ou tidos por obscuros – algo que já lhe cabe, ao menos em nossos meios acadêmicos. Conforme ele mesmo pondera, paradoxalmente as descontinuidades dão-se de forma contínua, ou seja, continuamente convivemos com aqueles intelectuais que, justamente, em função do viés taxonômico e estriado de seu discurso, encontram logo o solo fértil para a aceitação e difusão de suas ideias. Já pensadores fecundos, como Humboldt, que vêm buscando apontar para outra direção do pensamento e da reflexão humana, esses são mais raros, de aparição descontínua, e fadados à incompreensão e ao ostracismo.

À sua maneira, Meschonnic insere-se na esteira de pensamento construído por Wilhelm von Humboldt, particularmente naquele aspecto que tanto se repete a respeito do pensamento desse autor, da ênfase na energia, e não no ergon, ou seja, da ênfase nos aspectos processuais de tudo aquilo que compete ao ser e à vida humana, em tudo aquilo que vibra, que se mostra em pleno funcionamento, apontando para sua forma de presença no presente. Como linguista, adere e dá continuidade aos pensamentos de Ferdinand de Saussure, linguista suíço da virada do século XIX para o XX, e Émile Benveniste, linguista francês de meados do século XX. Dizer isso, no entanto, não simplifica, logo de início, a entrada em seu pensamento, já que esses mesmos linguistas têm passado por algo como a normatização de seu pensamento, ou seja, a conversão do que nele haveria de contínuo e processual, em algo da ordem estruturalista e algorítmica. Por isso mesmo, muitas vezes me pergunto: será por isso que Meschonnic escolhe essa forma não muito explicativa ou voltada a definições em seus escritos, de forma a evitar sua conversão fácil em algo ao gosto da academia? Em produto pronto-para-o-uso?

Talvez.

É fundamental lembrar aqui que, logo no início do capítulo 1, Meschonnic faz a menção de que seu ponto de partida deve ser situado em “Modernidade, modernidade”, particularmente na sequência sobre Lyotard, no capítulo denominado “Filosofia do Pós-moderno ou Filosofia da nuvem”. É a maneira como a linguagem aparece aí esboçada por Lyotard (em que a metáfora da “nuvem” alude à atomização da linguagem e às meta-narrativas), o contraste moderno/ pós-moderno que aí se delinea, a localização pontual do moderno como “narrativa das Luzes” – que serão continuamente retomados de forma crítica nesta obra, seja na referência a Lyotard, seja a inúmeros outros autores. O operador das meta-narrativas estaria na expressão “jogo de linguagem”, extraída do pensamento de Wittgenstein e apropriada por meio do pragmatismo linguístico, do utilitarismo e da teleologia tecnicista da eficácia. Lyotard, no entanto, tendo atribuído primazia à linguagem e ao papel dos estudos linguísticos, assume, segundo Meschonnic (1988, p. 248), uma concepção grosseira a respeito da língua, mais presa ainda à estrutura que ao sistema, sem se dar conta, nem do discurso propriamente dito, nem da poética. Mais afeito ao semiótico que ao discursivo (naquele sentido para o qual Benveniste já nos alertara), é apontada em Lyotard a carência de uma teoria que nos fale do sujeito e, conseqüentemente, da ética.

De fato, o que já se havia tornado claro em “Modernidade, modernidade” é o alerta para a contradição entre, por um lado, o reconhecimento crescente do papel da língua e das linguagens nas diversas ciências humanas e na Filosofia; por outro, o ecletismo e a miscelânea que se constrói quando se apela ao campo da Linguística ou da Filosofia em busca de uma Teoria da Linguagem. No caso de Lyotard, que se torna, de fato, ilustrativo da problemática em pauta, Meschonnic (1988, pp. 244-261) nos aponta para a bricolagem resultante da tomada em consideração: dos jogos de linguagem, em princípio advindos de Wittgenstein, mas já mesclados à pragmática; dos performativos, próprios à pragmática, um dos desdobramentos dos estudos linguísticos do final do século XX, ao qual passam

a se resumir as questões linguísticas; da semiótica de Charles Sanders Peirce; dos conceitos de competência e performance, advindos da Gramática Gerativa chomskiana. É, de toda forma, o viés utilitário ou utilitarista que domina, na assunção, como eixo, do enfoque performativo agonístico. Nesse âmbito, a teoria da linguagem tal qual assumida – no caso de Lyotard e alhures – passa a ter o papel de um instrumento dentro de uma outra teoria: “Um instrumento maior, mas um instrumento” (Meschonnic 1988, p. 253, tradução minha). Também nesse âmbito, linguagem e ideologia se equivalem, assim como poética e retórica.

O certo é que aqui, como em outras de suas obras ensaísticas, seja mesmo em “Poética do Traduzir”, deparamo-nos de preferência com negações e muito raramente com afirmações – estas ficam mais por conta do leitor, que é chamado a participar e tirar suas conclusões. Já que o que mais encontramos, no caso do embate moderno/pós-moderno, é o enfrentamento do autor com diversas propostas alheias de definição – as quais ele vai como que minando por dentro, de forma a desvendar-lhes a incoerência. A partir desse embate, o moderno vai emergindo mais à moda do “inconnu”, desconhecido, lembrando-nos de sua epígrafe em uma de suas principais obras, “Critique du rythme” [“Crítica do ritmo”], em que a folha de rosto apresenta esse chamado “Ao desconhecido”.

É presente, e quem sabe seja mais isso que constranja e afaste seus eventuais leitores e adeptos – o fato de nos chamar para uma aventura na qual, muitas vezes, nos sentimos sem chão: de que vai me servir tudo isso? Qual sua aplicação?

Talvez a questão fundamental para começarmos a perceber, com mais clareza, que chão movediço é esse em que pisamos seja o entendimento do que seja teoria para Henri Meschonnic, algo que, confesso, só após a leitura e tradução desta obra – e posteriormente de capítulos de “Langage, histoire une même théorie” – comecei a entender melhor, mesmo porque a Teoria da Linguagem a que ele se refere repetidas vezes aparece, aqui, como algo em construção, dentro de uma

movência em que é na crítica ao que está posto que ela própria vai emergindo. Note-se que ele nos convida à conciliação necessária entre a Teoria da Linguagem, a Ética, a Poética e o Político, sendo a Poética, propriamente dita, o campo em que se realiza essa junção, ou seu ponto de partida.

Mas teoria, aqui, é muito diferente do que nos habituamos a pensar em termos de teoria, isto é, uma série de noções e de categorias compartimentadas consideradas adequadas para a análise e compreensão de determinada realidade. Começamos a patinar nas linhas da escrita de Meschonnic sempre que ficarmos buscando nelas algo nesse sentido, sujeito a uma aplicação externa, de forma imediata e parcial, a dada realidade. Por isso mesmo, é interessante que nos lembremos que estamos buscando o convívio com um poeta, linguista e tradutor, para quem o ser linguista está absolutamente entranhado no ser poeta e tradutor. Esse é o cientista com quem queremos conversar, um cientista que vê a linguagem por dentro, enquanto a vivencia, e que nos convida a vivenciá-la, de forma a melhor compreendê-la, alertando-nos quanto, não à insuficiência, mas à inutilidade de outros procedimentos.

No que tange ao “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure (1916[1975]), o que lhe interessa não é o que – conforme sinalização de Tulio de Mauro em sua tradução comentada (Saussure 1968) – tanto hipnotizou os linguistas da época, a questão da arbitrariedade do signo linguístico, ao menos não em sua versão vulgarizada em que equivale ao convencionalismo. É certo, de toda forma, que só quem conhece muito bem a proposta saussureana de forma genuinamente crítica dá-se conta da maneira como Henri Meschonnic se apropria da noção saussureana de sincronia – essa, sim, absolutamente revolucionária para aquele início de século XX – que ele em parte lerá como historicidade. Deu, e ainda dá muito barulho a oposição saussureana entre os eixos sincrônico e diacrônico, na pressuposição e afirmação contínua de que, na sincronia, estaríamos diante de uma visão estagnada e idealizada da linguagem. Sobrará o mesmo problema na oposição que Meschonnic nos propõe da historicidade frente à

história e ao historicismo? Mesmo sabendo-se de seu combate contínuo contra todos os essencialismos?

Também de Saussure Meschonnic desencanta a dupla sintagma/paradigma, encantada como se se tratasse de uma dicotomia. Mas, assim como o autor não menciona, aqui, o termo sincronia, também bem raramente faz referência à terminologia de sintagma e paradigma. Mas fala muito de signo, sempre em seu combate, o que pode deixar os menos avisados na suposição de que, mais uma vez, seria a epistemologia saussureana o alvo de sua crítica. Não: é a vulgata saussureana que está em questão e, na verdade, algo que a transcende e, historicamente, localiza-se em tempo bem mais remoto e de forma bem mais abrangente, aquilo que Meschonnic denomina teologização e o predomínio do teológico-político, que, entre outros aspectos, gira ou se funda em torno de antagonismos essencialistas, como corpo/alma, selvagem/civilizado, significante/significado.

De Ferdinand de Saussure, assim, ele desencanta aquilo que o linguista suíço denominou o “mecanismo da linguagem”, extraíndo-o de um eixo estruturado e algorítmico, e trazendo-o para o princípio heurístico, aquele do poema e da inovação, em outras palavras, da modernidade. Da forma com que já nos havia alertado em “Modernidade, modernidade” (Meschonnic 1988, p. 251), ao chamar a atenção para a maneira com que a noção de sistema foi estabilizada e transformada em estrutura (por Lyotard, entre outros), algo que não era no curso de Saussure, em que a historicidade estaria presente no conjunto composto por sincronia e diacronia, por sintagma e paradigma.

Já no que tange a Émile Benveniste, menos vítima que Saussure de críticas avassaladoras – que muito frequentemente remetem este ao idealismo, ao objetivismo abstrato e ao a-histórico, haja vista entre outros Bakhtin (1995, pp. 69-89), que também coloca o pensamento de Humboldt sob suspeita – talvez esteja exposto até a um perigo maior, já que tem sua obra apenas mais sutilmente cercada por um visão estruturante, e de toda forma ainda bem raramente conhecida naquela fecundidade que Meschonnic trata de explorar e levar adiante.

Nesse caso, o aspecto central que lhe chama a atenção é a forma-sujeito, aquilo que os linguistas em geral conhecem da obra de Benveniste, mas talvez sem se dar conta de toda sua profundidade. Ou não ficaríamos atônitos e confusos, quando ao tratar do sujeito do poema, como em “Linguagem, ritmo e vida”, Meschonnic nos dirá que não se trata do sujeito filosófico, nem do sujeito psicológico, nem do sujeito da enunciação, deixando-nos, ao primeiro contato, com aquela sensação de perder o chão. Já que, via de regra, convivemos com a noção de sujeito em Benveniste, julgando entendê-la teoricamente, porém, ao ir aos textos e enunciados, é ainda o sujeito da enunciação que encontramos.

Não conseguimos entender de forma aplicada o que seria essa forma-sujeito, tão importante na teorização meschonniciana a respeito de tradução literária, fundamental. Pois será ela, essa forma-sujeito, que entrará, como atividade da linguagem, no processo tradutório, e não o sujeito da enunciação. Isso porque, diante do processo, diante da enunciação, não há nada dado de antemão: os lugares estão vazios em aguardo de preenchimento. Preenchimento a se fazer com ritmo, com vida, que se traduzem na forma-sujeito, lembrando-nos, sempre, daquele aspecto só aparentemente banal do verdadeiro achado de Benveniste: o pronome “eu” não possui uma realidade fenomenal fixa a que remeteria. Trata-se de um lugar a ser preenchido, o qual, a cada vez, autoriza quem dele se apropria a se autodenominar “eu”. O problema é que essa aparente banalidade transforma-se em item disciplinar, ou seja, matéria a ser ensinada e apreendida conceitualmente, sem que saibamos dar-lhe um reconhecimento efetivo. É nesse sentido, mesmo, que ainda carecemos de Teoria de Linguagem.

A questão torna-se bastante complexa, quando esse poeta linguista passa a nos dizer a todos, que trabalhamos nas Ciências Humanas, e não só aos linguistas, e passa a dizer daquela sua forma, em combate, que a Filosofia, por exemplo, terá tido seus poucos momentos de maior lucidez, sempre que um filósofo como Pascal, ou Espinosa, levou em consideração o papel da linguagem em suas reflexões filosóficas. Como se fosse ainda

pouco, é ao papel transformador das artes, de modo geral, que ele nos alerta – porém não para vê-las de forma separada, à parte da vida e da linguagem cotidiana, mas para destacar o contínuo que une a vida e a arte. E nos alerta dentro de uma visada que se quer ética e política, ou seja, humanamente transformadora: social, política e historicamente transformadora.

Esse pensador ingressa nos interstícios da linguagem humana, pegando a linguagem poética, de preferência, por se encontrar nela o radicalmente histórico, para nos convidar a mais um passo na reflexão em parte empreendida por marxistas, porém, segundo ele, insuficiente, por não cogitar o papel da linguagem; em parte avançada por Michel Foucault, porém, segundo ele, ainda insuficiente, por se deter excessivamente no papel das instituições e não ponderar suficientemente o poético.

Ao apontar para o papel da arte e da poesia, ele não se dirige, no entanto, apenas a artistas ou a críticos de arte, muito pelo contrário, mesmo por desacreditar grandemente no papel destes, em sua aliança crescente com a mídia e com o mercado. Henri Meschonnic é um pensador bastante coerente também nisso, pois o mesmo linguista e estudioso da literatura que nos fala do contínuo (e não da ruptura) entre a linguagem do cotidiano e a escritura, ou seja, a linguagem literária, esse mesmo homem se dirige aos homens em geral, para chamá-los para a vivência de uma dimensão humana maior, porque criativa e liberta das amarras do que denomina o signo, ao querer se referir a todo um pensamento rígido, marcado de frases feitas, de crenças que nos vêm de fora, pensamentos aos quais aderimos, sem que os tenhamos propriamente inventado, dentro de sua definição: “Chamando de pensamento o que renova o pensamento” (Meschonnic 2012, p. 55).

É à energia que nos convida, à movência, à participação do corpo na linguagem, à instauração do moderno a cada momento presente, à vivência do poema, à participação não na história como sequência cronológica de datas e de momentos, mas na historicidade, como emergência contínua e renovada. Por isso mesmo, em certos momentos temos a impressão de

que tudo se equivale: moderno é o poema que é a historicidade que é o sujeito do poema que é a presença na linguagem que é a linguagem em funcionamento. Também por isso a tradução tornou-se um dos eixos de sua prática – além da poesia – sendo desse âmbito que nos convida a extrair teoria, de dentro do quefazer com a linguagem. Não como o espectador, que aprecia a poesia, ou que diz amar a arte – note-se que Meschonnic alerta que, paradoxalmente, o amor à arte pode ser o principal veneno para quem quer, de fato, se aproximar dela – mas dando-se conta de sua atividade, de sua forma ética, política e poética de funcionamento.

Decerto daí deriva a denominação que passou, a partir de certo momento, a atribuir a sua proposta, como Antropologia Histórica da Linguagem, exatamente ali onde se debruça sobre a defesa do ritmo como uma defesa dessa linguagem desvencilhada de seus arreios, de seus trilhos condutores, de sua métrica (em sentido amplo, ético e político) e, particularmente, das dicotomias oral/escrito, selvagem/civilizado, corpo/alma. Conforme lemos em “Langage, histoire une même théorie” [“Linguagem, história uma mesma teoria”] (Meschonnic 2012), a poética que defende, e que implica uma antropologia histórica da linguagem, é uma poética negativa: é uma crítica da ausência de uma teoria da linguagem nas teorias do social.

Meu convívio ainda incipiente com leituras na área da Antropologia me trouxe, em princípio, a sensação de certa proximidade na forma de abordagem por parte de antropólogos contemporâneos, que buscam, em lugar de um enfoque de observação externa, a imersão nas comunidades, a participação em seu cotidiano como, também, a consideração do olhar do outro sobre si mesmo. É a proposta que encontramos em vários antropólogos contemporâneos, seja no caso dos brasileiros Pedro Cesarino ou Eduardo Viveiros de Castro. Carecem, no entanto, de uma Teoria de Linguagem, já que acabam se servindo de alguns retalhos de teorias advindos, seja da vulgata saussureana, seja da pragmática, seja da Análise do Discurso, seja, ainda, dos Estudos de Tradução. O olhar de Meschonnic para a Antropologia contemporânea aponta para essa falta,

como também em filósofos, em sociólogos, de uma maior consideração da linguagem, de tal forma a que se dê a união necessária entre a Teoria da Linguagem, a Ética, a Poética e o Político nas Ciências Humanas em geral.

No limite, no entanto, tal como nos formamos, talvez sintamos que não temos fôlego para essa empreitada, que, de fato, exigiria a queda ou a superação das barreiras disciplinares. Cada um de nós tenta se inteirar da outra área e de sua forma de funcionamento contemporâneo, mas nos faltam pernas para o avanço necessário nessa aventura. Pois, se por um lado, como assevera Meschonnic, há algo na Teoria da Linguagem de suma importância para a própria coerência da pesquisa em Ciências Humanas, e na Filosofia, por outro, nem mesmo nós, linguistas ou estudiosos da literatura, ainda não nos apropriamos, suficientemente, da necessária invenção do pensamento própria para essa errância. E os que olham para nossa área em busca de um embasamento teórico, apropriam-se dele, muitas vezes, dessa forma própria ao “prêt-à-porter”, “pronto-para-o-uso”, instrumental e pragmático, que Meschonnic menciona, em voga pelo mundo afora.

Sigamos em frente, seja como for. Como diz o autor logo nas primeiras páginas: o que está em jogo é a inteligibilidade do presente, e a preparação do futuro. Como bem se nos presta hoje o provérbio “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, diante da exaustão teórica em que nos encontramos, assim como diante da mercantilização e comodificação crescente de tudo, sejam também de filosofias, de teorias, de categorias conceituais, prefiro atender ao chamado: “À l’inconnu!”

Maria Sílvia Cintra Martins